



# Reexaminando o prefixo nominal da classe 5 na língua ronga

## Reexamining the prefix of class 5 in Ronga language

Ernesto DIMANDE\*

Feliciano CHIMBUTANE\*\*

**RESUMO:** O presente artigo surge no contexto das divergências entre linguistas, quanto ao formato morfológico do prefixo nominal da classe 5 na língua ronga, uma língua da família bantu, integrada no grupo Tswa-Ronga (S50) e falada na zona Sul de Moçambique. Neste artigo, pretendemos aprofundar a discussão sobre o formato do prefixo nominal desta classe, com base em evidências empíricas. Assim, contrariamente a Quintão (1917), Nogueira (1960), Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa (2008) e Ngunga (2014), que consideram que o prefixo nominal da classe 5 é *dji-* ou *dri-*, dados obtidos através de um questionário estruturado, administrado a 20 falantes nativos de diferentes variantes dialetais do ronga mostraram que o prefixo desta classe é *li-*. A ocorrência de nomes da classe 5 que exibem este prefixo em ronga é parte das principais evidências que usamos para legitimar esta tese. Para além deste aspeto, os dados analisados mostram também que o morfema *dji-* ou *dri-*, constitui apenas marca de

**ABSTRACT:** This paper emerges amid divergences among linguists regarding the morphological format of the class 5 noun prefix in Ronga, a Bantu language belonging to the group Tswa-Ronga (S50) and spoken in the South region of Mozambique. In this paper we intend to further the discussion on the morphological format of class 5 noun prefix, based on empirical evidence. Different from Quintão (1917), Nogueira (1960), Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa (2008) and Ngunga (2014) who propose that the class 5 noun prefix in Ronga is *dji-* or *dri-*, data obtained through a structured questionnaire applied to 20 native speakers of different varieties of Ronga show that the prefix of this noun class 5 is *li-*. The occurrence of class 5 nouns that exhibit this prefix in Ronga forms part of the main evidence that we use to legitimate this thesis. In addition to that, the data analysed also show that the morpheme *dri-* or *dri-* is just a class 5 agreement marker, used when class 5 nouns co-occur with their syntactic

\* Mestre em Linguística. Centro de Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9995-1943>. [dimande40@gmail.com.br](mailto:dimande40@gmail.com.br).

\*\* Doutor em Linguística. Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane (UEM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3224-9292>. [felicianosal@yahoo.com.au](mailto:felicianosal@yahoo.com.au).

concordância da classe 5, usada quando nomes desta classe coocorrem com os seus dependentes sintáticos, como determinantes, quantificadores, qualificadores e verbos.

dependants, such as determiners, quantifiers, qualifiers and verbs.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ronga. Classe nominal. Prefixo nominal. Classe 5. Marca de concordância.

**KEYWORDS:** Ronga language. Noun class. Noun prefix. Class 5. Agreement marker.

## 1 Introdução

Uma das características peculiares das línguas bantu (LB)<sup>1</sup>, de que a língua ronga é parte integrante, é a organização gramatical de nomes em classes nominais (CNs), de acordo com a orientação semântica, prefixo nominal (PN) e marcas de concordância. Na estrutura do nome, o PN reveste-se de capital importância na medida em que, para além de indicar o gênero do nome, também fornece informação gramatical referente ao número. Entretanto, apesar de os nomes de uma determinada CN exibirem o mesmo PN, casos há em que estes não partilham os mesmos traços semânticos, conforme mostraremos neste artigo.

Apesar de ser inquestionável que os nomes de uma determinada CN apresentam o mesmo PN, na língua ronga o PN da classe 5 não reúne consenso, na medida em que, por exemplo, enquanto para Quintão (1917), Nogueira (1960), Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa (2008) e Ngunga (2014), o prefixo desta classe é *dji-* ou *dri-*<sup>2</sup>, para Doke (1967) e Ngunga & Mathangwane (2015) é *li*. Diante desta

<sup>1</sup> Lista de abreviaturas:

CN – classe nominal; CV – concordância verbal; Fut – futuro; I – inglês; Loc. – locativo; LB – línguas bantu; MC – marca de concordância; MCS – marca de concordância de sujeito; P – português; Part. Dem. – partícula demonstrativa; Part. Gen. – partícula genitiva; Pass – passado; Pas – passiva; PN – prefixo nominal; VF – vogal final; Z – zulu.

<sup>2</sup> Resumidamente, ao nível da literatura consultada, existem duas propostas de PNs para a classe 5, nomeadamente *dji-/ dri-* e *li-*. Em termos gráficos, é provável que o suposto prefixo *dji-* e os seus

divergência, levantam-se várias questões, entre as quais as seguintes: *i.* será que esta classe possui mais de um PN? e, *ii.* que fatores linguísticos propiciam a existência de mais de uma proposta de PN para a mesma CN?

Dadas as suas características morfofonológicas e semânticas, os nomes da classe 5 têm sido objeto de estudo abarcando várias LB de diferentes zonas. Nas suas pesquisas, os linguistas, por um lado, analisam a orientação semântica dos nomes que se enquadram nesta classe, e, por outro lado, discutem a origem do prefixo desta classe, a sua variação interlinguística e, principalmente, a forma como o mesmo se manifesta nas línguas particulares. A título de exemplo, veja-se as discussões de Doke (1967), sobre várias LB; Lafon (1994), sobre a língua shona (Zona S); Ngunga (1997), sobre a língua yao (Zona P); Zorc & Nibagwire (2007), sobre o kinyarwanda (Zona D) e o kirundi (Zona D); Ngunga & Simbine (2012), sobre a língua changana (Zona S); Atindogbe (2013), sobre a língua mòkpè (Zona A); Mata (2015), sobre a língua tonga, (Zona S), e Ngunga & Mathangwane (2015), sobre várias LB, nomeadamente, barwe (Zona N), changana (Zona S), chuwabu (Zona P), copi (Zona S), tonga (Zona S), gorongozi (Zona S), kalanga, Koti (Zona P), lomwe (Zona P), makonde (Zona P), makhuwa (Zona P), manyika (Zona S), mwani (Zona G), ndau (Zona S), nyanja (Zona N), nyungwe (Zona N), sena (Zona N), subiya (Zona K), swahili (Zona G), tewe (Zona S), tswana (Zona S), yao (Zona P) e zulu (Zona S).

O presente artigo procura discutir as duas questões apresentadas acima, mostrando, com base em evidências morfossintáticas, que, na língua em estudo, o PN da classe 5 é unicamente *li-*, que, para além de não se realizar em muitos nomes, não apresenta alomorfes. Ao longo da discussão, exploramos algumas pistas que podem

---

alomorfes *rji-* e *ri-* resultem, por um lado, da representação gráfica da variação dialetal na realização do morfema *dri-* e, por outro lado, da adoção de sistemas ortográficos diferentes, considerando que, durante muito tempo, a língua ronga não tinha uma ortografia padronizada.

concorrer para explicar a falta de consenso na identificação do PN da classe 5 entre estudiosos das LB, em geral, e da língua ronga, em particular.

Os dados que suportam a proposta de análise avançada neste artigo foram obtidos através de um questionário estruturado, administrado a 20 falantes nativos de diferentes variantes dialetais da língua ronga, dos quais, dez homens e igual número de mulheres. Objetivamente, depois da recolha de alguns nomes da CN em estudo, solicitámos que os informantes fornecessem o plural de cada nome e, seguidamente, que construíssem frases em que alguns destes nomes fossem, por um lado, modificados por determinantes, quantificadores e qualificadores e, por outro lado, ocorressem como núcleos de sujeitos gramaticais simples. Com este exercício, pretendíamos, por um lado, identificar, através do PN usado na formação do plural, a real CN de cada nome e, por outro lado, a marca de concordância que é selecionada em cada contexto. O pressuposto por detrás deste último exercício é o de que, embora, por fatores linguísticos e extralinguísticos, os nomes de uma determinada CN possam selecionar diferentes marcas de concordância de sujeito, os mesmos apresentam um comportamento sintático análogo quando modificados por determinantes, quantificadores e qualificadores, ou quando ocorrem como núcleos de sujeitos simples.

Para além do questionário, também nos socorremos do método introspectivo, tendo em conta que um dos autores deste artigo é falante nativo da língua em estudo. Assim, o seu conhecimento intuitivo da língua ronga foi importante, tanto no processo de seleção dos nomes que corporizam o questionário, quanto no julgamento da gramaticalidade *versus* agramaticalidade das formas e das construções fornecidas pelos informantes.

No que concerne ao tratamento de dados, depois da discussão da variação interlinguística do formato do prefixo da classe 5 em diversas LB, em colaboração com os informantes, fez-se o exame linguístico dos dados resultantes tendo em vista aferir

os seguintes quatro aspectos: *i.* se os nomes que iniciam com o prefixo *li-* são efetivamente da língua ronga; *ii.* se estas formas são gramaticais e, de fato, da língua ronga; *iii.* se as suas contrapartes do plural são legítimas; e *iv.* se, nos casos em que é expresso, o PN *li-* pode ou não ser substituído pelas formas *dji-* e/ou *dri-*. A clarificação destes aspetos é feita paralelamente à discussão dos dados e teses avançadas pelos proponentes da forma *dji-/dri-* (QUINTÃO, 1917; NOGUEIRA, 1960, BACHETTI, 2006; SITEO; MAHUMANE; LANGA, 2008; NGUNGA, 2014), sobretudo na perspectiva de compreender os fatores que poderão estar por detrás desta proposta de prefixo da classe em estudo. Esta discussão estende-se ao processo de concordância nominal, nos contextos em que o nome da classe 5 é modificado por um determinante, quantificador ou qualificador, e ao processo de concordância verbal (CV), nas construções em que o nome desta classe constitui núcleo de sujeito gramatical simples.

Em termos estruturais, organizamos o artigo em 4 seções. Esta introdução faz parte da primeira seção, onde fazemos a apresentação do tema do estudo, destacando as perguntas de pesquisa, os objetivos que pretendemos alcançar e a metodologia que adotamos no processo de recolha e tratamento de dados. A Seção 2 focaliza o estado de arte sobre a organização de nomes nas LB. Em termos específicos, depois de apresentarmos alguns dados linguísticos e sociolinguísticos sobre a língua ronga, discutimos a semântica dos nomes da classe 5, a realização do prefixo desta classe em diferentes LB e as propostas de formato do PN desta classe, segundo diferentes estudiosos. Na Seção 3, discutimos a realização do prefixo da classe 5 na língua em estudo, tendo como base a forma como se realiza a contraparte plural, a concordância nominal e a concordância verbal. Por último, na Seção 4, apresentamos as considerações finais do estudo.

## 2 A língua ronga, seus falantes e a organização dos nomes em classes

### 2.1 A língua ronga e seus falantes

O ronga (S54), na classificação de Guthrie (1967-71), é uma LB integrada no grupo Tswa-Ronga (S50), do qual também fazem parte outras três línguas, nomeadamente, changana (S53), gwamba (S52) e tshwa (S51). Estas línguas caracterizam-se por uma inteligibilidade mútua, o que significa que o falante de uma delas, geralmente, compreende as outras línguas do mesmo grupo.

Segundo Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011), a língua ronga é falada na zona Sul de Moçambique, concretamente na Província e Cidade de Maputo. Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011) acrescentam que esta língua é transfronteiriça, dado que é igualmente falada na República do Zimbabwe e na República da África de Sul. Na mesma linha, Chambo *et al.* (2020) acrescentam que esta língua é igualmente falada no Reino de Eswatini.

De acordo com o Censo de 2007, esta língua era falada por 238 758 pessoas de cinco ou mais anos de idade, sendo língua materna de apenas 1.5% da população moçambicana (cf. CHIMBUTANE, 2012).

Como sucede com outras línguas, a língua em estudo tem diferentes variantes regionais. Sobre este aspeto, Siteo & Ngunga (2000) e Ngunga & Faquir (2011) consideram que a língua ronga possui 4 variantes dialetais, designadamente, xilwandle (ou xikalanga), falada no distrito da Manhiça; xinondrwana, falada nos distritos de Marracuene e Boane e nas Cidades de Maputo e Matola; xizingili (ou xiputru), falada desde Catembe até à Ponta do Ouro; e xihlanganu, falada no distrito de Moamba e em algumas regiões do distrito da Namaacha.

## 2.2 Organização dos nomes na língua ronga

Conforme referimos na seção introdutória, os nomes das LB organizam-se em CNs, com base nos fatores linguísticos já apresentados. Neste artigo, a CN é definida como um “conjunto de nomes com o mesmo prefixo e/ou o mesmo padrão de concordância” (NGUNGA, 2014, p. 122). Na mesma linha, Siteo (2011) considera que, dentro do sistema de CNs, os nomes podem ainda ser agrupados em gêneros, termo que, não estando relacionado com a distinção de sexos, “designa as séries constituídas de raízes nominais idênticas, ligadas a diversos prefixos nominais” (p. 309).

De uma forma geral, o número de CNs existentes nas LB varia de 10 a 20 (ALEXANDRE (1981), citado por NGUNGA; MATHANGWANE (2015)), sendo que, para o caso da língua ronga, a literatura reconhece a existência de 13 classes, conforme os exemplos que a seguir apresentamos:

Quadro 1 – Classes nominais da língua ronga.

Classes	Prefixos	Exemplos
1	<i>mu-</i>	<i>mu-dóndrísí</i> ‘professor’
2	<i>va-</i>	<i>va-dóndrísí</i> ‘professores’
3	<i>mu-</i>	<i>mu-nti</i> ‘casa’
4	<i>mi-</i>	<i>mi-nti</i> ‘casas’
5	<i>li-</i>	<i>li-hlehlwa</i> ‘espécie de abrolho, certa planta rastejante de seiva viscosa com que se lava o cabelo’ <sup>3</sup>
6	<i>ma-</i>	<i>ma-hlehlwa</i> ‘frutos de <i>lihlehlwa</i> ’
7	<i>xi-</i>	<i>xi-síwana</i> ‘pobre’
8	<i>svi-</i>	<i>svi-síwana</i> ‘pobres’
9	<i>(yi)N-</i>	<i>n-gúvá</i> ‘época, período, era’
10	<i>ti(N)-</i>	<i>ti-ngúvá</i> ‘épocas, períodos, eras’
11	<i>li-</i>	<i>li-sima</i> ‘valor, importância’
14	<i>vu-/wu-</i>	<i>vu-dóndrísí/wu-dóndrísí</i> ‘ensino, doutrina, pedagogia’
15	<i>ku-</i>	<i>ku-yaka</i> ‘construir’

Fonte: elaborado pelos autores.

<sup>3</sup> Ou o próprio fruto desta planta silvestre.

Conforme mostra o Quadro 1, as treze CNs ainda produtivas são: 1 e 2, 3 e 4, 5 e 6, 7 e 8, 9 e 10, 11, 14 e 15. Note-se que as CNs de 1 a 10 se organizam aos pares (ou seja, temos gêneros que integram duas classes cada), ao passo que as CNs 11, 14 e 15 não se organizam desta maneira. Por convenção, nas CNs que se organizam aos pares, o primeiro membro é a classe que indica o singular e o segundo, o plural. Deste modo, as classes 1, 3, 5, 7 e 9 constituem o singular das classes 2, 4, 6, 8 e 10. Entretanto, a classe 11 faz plural através da classe 10.

O quadro também mostra a ausência das classes diminutivas 12 e 13 e das locativas 16, 17 e 18, consideradas sincronicamente não produtivas nesta língua. A não produtividade das classes diminutivas 12 e 13 pode explicar-se pelo fato de a diminutivização realizar-se através de outros processos morfológicos, como a derivação sufixal, ao passo que a ausência das classes locativas 16, 17 e 18 tem a ver com o fato de delas terem restado apenas alguns vestígios ou rudimentos (como, por exemplo, *ha-nsi* ‘em baixo/no chão’ (cl. 16); *ku-suhi* ‘perto’ (cl. 17) e *n-draku* ‘retaguarda/parte posterior’ (cl. 18)), que, no estágio atual desta língua, já não podem ser considerados nomes no verdadeiro sentido, uma vez que funcionam como advérbios de lugar.

A desativação das cinco classes referidas no parágrafo anterior não ocorre apenas na língua rongga, mas também noutras línguas do mesmo grupo, como, por exemplo, o changana.

Considerando que o foco desta pesquisa não são todas as CNs, mas sim a classe 5, na seção que se segue discutimos, de forma detalhada, a semântica dos nomes desta classe, bem como a problemática da identificação do seu PN.



### 2.3 Semântica dos nomes da classe 5

Conforme referimos na seção introdutória, embora, no estágio atual de desenvolvimento das LB, o fator semântico na organização dos nomes em CNs esteja praticamente diluído, de tal forma que a classe de um determinado nome não pode ser determinada pela orientação semântica do nome (VAN DE VELDE, 2019), este fator continua relevante. Por isso, considerando que a semântica de um determinado nome pode influenciar o comportamento sintático do mesmo, entendemos que a discussão da semântica dos nomes da classe 5 é importante, porque poderá fornecer subsídios que ajudem a compreender a divergência que existe na identificação do real formato do PN desta classe.

Em termos semânticos, Nurse & Philippon (2003), citados por Byamugisha, Keet & Derenzi (2018), consideram que, ao nível das LB, a classe 5 alberga nomes de frutos, líquidos, algumas partes do corpo humano, empréstimos de várias línguas e coisas que se apresentam aos pares. Na mesma linha, Van de Velde (2019) estabelece que a classe 5 se destaca por albergar nomes de líquidos. Consistente com estes autores, e tendo em conta especificamente as línguas do grupo Tswa-Ronga, Doke (1967) já sublinhava que, de uma forma geral, a classe 5 alberga uma diversidade de nomes, com destaque para os de frutos. Esta diversidade semântica dos nomes desta classe também se regista na língua ronga, conforme ilustrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Classes semânticas dos nomes da classe 5.

#	Classe semântica	Exemplos
1	Seres humanos	<i>doda</i> 'ancião'; <i>jaha</i> 'rapaz'; <i>gelegele</i> 'prostituta'
2	Animais irracionais	<i>vúti</i> 'rato do canavial'; <i>patu</i> 'pato'; <i>khéle</i> 'sapo'
3	Partes do corpo humano e de animais	<i>tíhló</i> 'olho'; <i>vókó</i> 'mão'; <i>khúrhí</i> 'barriga'; <i>kátlá</i> 'ombro'
4	Frutos	<i>bómu</i> 'limão'; <i>kajú</i> 'caju'; <i>laránjhi</i> 'laranja'; <i>rhompfa</i> 'ata'

5	Medidas de tempo	<i>lémbé</i> 'ano'; <i>vhiki</i> 'semana'; <i>síkú</i> 'dia'
6	Derivados verbais exprimindo modo ou maneira	<i>fambéla</i> 'maneira de andar'; <i>svekéle</i> 'maneira de cozinhar'; <i>madéle</i> 'modo de comer'
7	Objetos	<i>tlhárhi</i> 'azagaia'; <i>rhibzi</i> 'pedra'; <i>gejo</i> 'charrua'
8	Doenças	<i>thóyisa</i> 'amigdalite'; <i>dabú</i> 'sarna'; <i>pfavapfava</i> 'varicela'
9	Meios de transporte	<i>boti</i> 'barco'; <i>basíkeni</i> 'bicicleta'; <i>bzatra</i> 'canoa, barco'

Fonte: elaborado pelos autores.

Conforme mostra o Quadro 2, na língua ronga, a classe 5 alberga uma diversidade semântica de nomes, incluindo nomes de seres humanos, animais irracionais, partes do corpo humano e de animais, frutos, medidas de tempo, derivados verbais que exprimem modo ou maneira, objetos, doenças e meios de transporte. Sobre a categoria semântica “partes do corpo humano e de animais”, importa referir que, diferentemente do kinyarwanda e do kirundi, em que segundo Zorc & Nibagwire (2007, p. 57), são inseridas apenas “partes do corpo (humano ou de animais) que se apresentam aos pares”, como braços e pernas<sup>4</sup>, na língua ronga podemos ter nomes como *khúrhí* ‘barriga’ e *thangá* ‘parte interior da coxa’, que são partes ímpares.

Em termos semânticos, importa referir que, ao nível das LB, há uma tendência de caracterizar alguns nomes [+ HUM] da classe 5 como portadores de alguma deficiência ou traço específico negativo, ao crivo das comunidades linguísticas. A título ilustrativo, Mogapi (1984), citado por Ngunga & Mathangwane (2015), apresenta exemplos de nomes do Tswana que se referem a “pessoas caracterizadas por algum hábito, fraquezas ou uma outra peculiaridade de caráter” (p.29), como *legodu* ‘ladrão’, *letagwa* ‘bêbado/alcoólatra’, *legatlapa* ‘cobarde’, *leferefere* ‘aldrabão’ e *lesole* ‘soldado’.

---

<sup>4</sup> Como, por exemplo, *ijísho/amáaso* ‘eye’; *itáma/amatáma* ‘cheek’; *ihahá/amahahá* ‘lung’, etc. (ZORC & NIBAGWIRE, 2007, p.75).

Na linha desta hipótese, Quintão (1917) considera que, na língua ronga, os nomes [+ HUM] da classe 5 se referem a pessoas portadoras de alguma *deformidade mental*. Para sustentar a sua tese, o autor apresenta exemplos como *singe* ‘imbecil’; *gugu* ‘preguiçoso’; *tsolo* ‘pedante’ e *gwabo* ‘guloso’. Note-se que, o nome *tsolo* ‘joelho’ nem designa um ser humano, mas parte do corpo humano. Entendemos que esta caracterização de Quintão (1917) é problemática, uma vez que, nesta língua, tanto podemos encontrar nomes [+ HUM] da classe 5 com alguma conotação negativa, de acordo com os valores sociais de uma determinada comunidade linguística, como, por exemplo, *lovha/lóló* ‘preguiçoso’, *jámbana* ‘assassino/bandido’ e *gelegele* ‘prostituta’, quanto aqueles desprovidos de conotações sociais negativas, como, por exemplo, *xaka* ‘parente’, *gayiza* ‘regressado da África do Sul’, *jaha* ‘rapaz’, *doda* ‘ancião’, *sócha* ‘soldado’ e *súngúkátí* ‘conselheira/anciã’. Por este motivo, defendemos que o correto seria simplesmente considerar que a classe 5, como outras CNs, também alberga nomes [+ HUM].

Sobre os derivados verbais, importa esclarecer que resultam da sufixação do morfema *-ele* a radicais verbais, que passam, deste modo, a expressar o modo ou a maneira como decorre a ação expressa pelo verbo. Por exemplo, temos *fambéla* ‘maneira de andar’, que deriva de *-famb-* ‘andar’; *svekéle* ‘maneira de cozinhar’, de *-svek-* ‘cozinhar’ e *madéle* ‘modo de comer’, de *-d-* ‘comer’.

No que concerne aos empréstimos, discordamos de Bachetti (2006), quando refere que é nas classes 5 e 6 onde são alojados “quase todos os empréstimos vindos de línguas não bantu” (p. 48). Na linha de Siteo (2001) e Ngunga (2014), também defendemos que, nas LB, a integração de empréstimos de qualquer língua se realiza tendo como base três critérios linguísticos, designadamente: *i.* semântico, em que se toma em conta a orientação semântica do nome, *ii.* fonético, em que se considera a “semelhança fonética entre o som inicial de um nome da língua fonte e o som inicial de um prefixo nominal de uma classe da língua receptora” (NGUNGA, 2014, p. 160) e

iii. o prefixo zero, que se aplica quando o empréstimo é integrado numa CN com o PN  $\emptyset$ , visto que, tanto a sua semântica, quanto o seu som inicial não são associados a qualquer CN na língua de chegada. É neste contexto que, na língua ronga, todas as CNs activas são suscetíveis de albergar empréstimos, conforme documentam os dados que a seguir apresentamos:

(1) a.	<i>axjudánti</i>	(cl.1)	/	<i>vaaxjudanti</i>	(cl.2)	>	'ajudante/ajudantes'	P	
	b.	<i>prisóri</i>	(cl.1)	/	<i>vaprisóri</i>	(cl.2)	>	'professor/professores'	P
	c.	<i>batixápa</i>	(cl.1)	/	<i>vabatixápa</i>	(cl.2)	>	'bate-chapa/bate-chapas'	P
(2) a.	<i>mpompí</i>	(cl.3)	/	<i>mimpompí</i>	(cl.4)	>	<i>pump</i> 'torneira/torneiras'	I	
	b.	<i>mubedé</i>	(cl.3)	/	<i>mibedé</i>	(cl.4)	>	<i>bed</i> 'cama/camas'	I
	c.	<i>nkwerhéta</i>	(cl.3)	/	<i>minkwerhéta</i>	(cl.4)	>	'ancoreta/ancoretas'	P
(3) a.	<i>xipunu</i>	(cl.7)	/	<i>svipunu</i>	(cl.8)	>	<i>spoon</i> 'colher/colheres'	I	
	b.	<i>xikóle</i>	(cl.7)	/	<i>svixikóle</i>	(cl.8)	>	'escola/escolas'	P
	c.	<i>xitaratu</i>	(cl.7)	/	<i>svitaratu</i>	(cl.8)	>	'estrada/estradas'	P
(4) a.	<i>nkúdri</i>	(cl.9)	/	<i>tinkúdri</i>	(cl.10)	>	<i>nkúdri</i> 'touro/touros'	Z	
	b.	<i>nongóso</i>	(cl.9)	/	<i>tinongóso</i>	(cl.10)	>	'negócio/negócios'	P
	c.	<i>nqathula</i>	(cl.9)	/	<i>tinqathula</i>	(cl.10)	>	<i>isicathula</i> 'sapato/sapatos'	Z

Como mostram os exemplos acima apresentados, na língua ronga, os empréstimos de diferentes línguas podem ser enquadrados em diversas CNs, como, por exemplo, classes 1, 3, 7 e 9, com base nos três critérios linguísticos apresentados oportunamente. Por exemplo, em (1), os empréstimos *axjudánti* 'ajudante', *prisóri* 'professor' e *batixápa* 'bate-chapa', cuja língua fonte é português, são enquadrados na classe 1, devido ao traço semântico [+ Hum], ou seja, por designarem seres humanos; em (3), os empréstimos *xipunu* 'colher', do inglês, e *xikóle* 'escola' e *xitaratu* 'estrada', da língua portuguesa, são enquadrados na classe 7, devido à semelhança entre o som inicial destes e o prefixo *xi-*, da classe 7. Por último, em (2) e (4) temos exemplos de empréstimos de português e inglês enquadrados nas classes 3 e 4, 9 e 10 com base no

critério de prefixo Ø, tendo em conta que, por um lado, os seus significados não podem ser associados a nenhuma CN específica da língua ronga e, por outro lado, os seus sons iniciais também não podem ser associados a nenhum PN das classes existentes na língua ronga.

Embora os critérios acima referenciados permitam a integração da maior parte de empréstimos de várias línguas, entendemos que os mesmos não permitem dar conta da integração de verbos, como, por exemplo, *kunamurara* ‘namorar’, *kupasiyara* ‘passear’, do português; *kuféyila* < *to fail* ‘falhar, ser malsucedido’, do inglês e, *kugóngóvála* < *-gongobala* ‘crescer mal, sentir-se fraco depois de uma prolongada doença’ e *kugúgá* < *-guga* ‘envelhecer’, do zulu. Efetivamente, tanto a semântica, quanto o som inicial destes e o prefixo Ø não permitiriam a integração destes empréstimos em nenhuma classe. Por isso, propomos a inclusão do critério lexical como um dos critérios mais comuns de integração de empréstimos nas classes nominais do ronga e de outras LB. Objetivamente, o que sucede é que, na integração destas palavras no sistema de classes nominais da língua ronga e de outras LB, toma-se como base a sua classe lexical. Assim, tratando-se de verbos, os empréstimos apresentados acima são enquadrados na classe 15. Entretanto, para a sua acomodação efetiva, entre outros ajustes, agregas-lhes o prefixo *ku-*, o PN da classe 15 ou marca de infinitivo nesta língua.

## 2.4 Prefixo da classe 5

Na literatura sobre as LB, considera-se que o PN da classe 5 resulta da proforma *\*di-i-*, do Proto-Bantu (VAN DE VELDE, 2019). Em termos de realização desta proforma, Atindogbe (2013) e Ngunga & Mathangwane (2015) entendem que as LB apresentam uma variação interlinguística, conforme mostram os exemplos de makhuwa, copi, zulu e mòkpè, que a seguir são apresentados:

**Makhuwa (P31)**

- (5) a. *nihapukha* 'grande gazela fêmea'  
 b. *nihece* 'peixe de água fria'  
 c. *nikhuli* 'pele'  
 d. *nikhuwa* 'pega'

**Copi (S61)**

- (6) a. *didoda* 'ancião'  
 b. *didele* 'lábio'  
 c. *didzakani* 'folha'  
 d. *dikanju* 'caju'

(NGUNGA &amp; MATHANGWANE, 2015, p.27)

**Zulu (S42)**

- (7) a. *ibansi* 'cão de caça'  
 b. *ibhele* 'urso'  
 c. *igatsha* 'ramo'  
 d. *igilebhisi* 'uva'

**Mòkpè (A20)**

- (8) a. *lîtô* 'orelha'  
 b. *lîjá* 'braço'  
 c. *lîβùmbú* 'cabelo'  
 d. *lîwéndi* 'faca'

(NGUNGA; MATHANGWANE, 2015, p. 28)

(ATINDOGBE, 2013, p.29)

Os exemplos (5)-(8) mostram quatro formas diferentes de realização do PN da classe 5 em igual número de LB, sendo duas faladas em Moçambique (makhuwa e copi) e as outras duas (zulu<sup>5</sup> e mòkpè), em outros países africanos. Da análise dos dados, constatamos que, em makhuwa e em copi, a proforma \**di-i-* se realiza como *ni-* e *di-*, respectivamente. Em zulu, o prefixo é *i-* e, em mòkpè, é *li-*. O prefixo *li-* é também usado nos nomes da classe 5 do maconde, tonga e tshwa (cf. NGUNGA; MATHANGWANE, 2015). É preciso sublinhar que, ao nível das LB, o prefixo *li-*, que faz plural com *ma-* (cl. 6), é o mais recorrente (VAN DE VELDE, 2019). Para além destas realizações, Ngunga & Mathangwane (2015) mostram ainda a ocorrência de outras formas, como, por exemplo,  $\emptyset$ , em nyanja, swahili e kalanga; *e-*, em otjiherero; *le-*, em tswana, e *ri-*, em changana<sup>6</sup>.

<sup>5</sup> Note-se que, ainda que muitas vezes não referido em inventários linguísticos de Moçambique, o zulu é também falado em zonas fronteiriças com a África do Sul e Eswatini.

<sup>6</sup> Note-se, contudo, que, em algumas variantes do changana, em vez de *ri-*, a classe 5 é marcada pelo prefixo *li-*.

Em algumas LB, na formação do plural, há uma tendência para se manter o prefixo da classe 5, especificamente nas palavras cujo radical nominal é monossilábico. A título de exemplo, Mata (2015) refere que, na língua tonga, variante falada na Província de Inhambane, “quando o radical nominal é monossilábico, ... o prefixo da classe 5 *ri-* é mantido quando se pluraliza o nome” (p.75), conforme documentam os exemplos que a seguir apresentamos:

	Classe 5 (singular)	Classe 6 (plural)	
(9) a. ‘voice’	<i>rito</i>	<i>marito</i>	
b. ‘name’	<i>rina</i>	<i>marina</i>	(MATA, 2015, p.75)

Como mostram os exemplos acima apresentados, nesta variante do tonga, em vez de *li-* (cf. NGUNGA; MATHANGWANE, 2015), a classe 5 é marcada pelo prefixo *ri-*. Quando os nomes da classe 5 *rito* ‘voz’, em (9a), e *rina* ‘nome’, em (9b), passam para o plural, isto é, *marito* e *marina*, verifica-se a manutenção do prefixo *ri-*, destacado a negrito, como forma de evitar as formas agramaticais *\*mato* e *\*mana*. Como podemos ver, esta manutenção do prefixo que marca o singular justifica-se pelo fato de o radical nominal ser apenas constituído por uma sílaba.

Como referimos oportunamente, no que concerne à língua ronga, não há consenso em relação à forma do prefixo da classe 5. De fato, o quadro que a seguir apresentamos mostra que existem duas propostas de PNs, designadamente, *dji-/dri-* e *li-*:

Quadro 3 – Prefixos da classe 5 da língua ronga propostos por diferentes autores.

Proponentes	Quintão (1917)	Nogueira (1960)	Doke (1967)	Bachetti (2006)	Sitoe, Mahumane & Langa (2008)	Ngunga (2014)
Propostas de prefixos	<i>dji-</i> ( <i>alomorfes rji- e ri-</i> )	<i>li-</i> e <i>dji-</i>	<i>li-</i>	<i>dri-</i>	<i>dri-</i>	<i>dri-</i>

Fonte: elaborado pelos autores.

Conforme documenta o Quadro 3, para Quintão (1917), o PN da classe 5 é *dji-*, que apresenta dois alomorfes, designadamente *rji-* e *ri-*. Esta conclusão parece estar alicerçada no fato de esta ser a marca de concordância nominal e de CV, conforme os dados que a seguir apresentamos:

(10) a. *buku **djaku*** ‘teu livro’    b.    *tandja **dja** huku*    ‘ovo de galinha’  
(QUINTÃO, 1917, pp. 202-205)

c. *Hanxi **dja** bumune **djichuchuma** kutlula **dja** bubidji.*  
‘O quarto cavalo corre mais do que o segundo.’

(QUINTÃO, 1917, p. 210)

Como mostram os exemplos acima, tanto em (10a-b), em que a concordância é nominal, quanto em (10c), em que se trata de CV, a marca selecionada é *dji-*, destacada a negrito. A sua seleção justifica-se pelo fato de os nomes *buku* ‘livro’, em (10a), *tandja* ‘ovo’, em (10b), e *hanxi* ‘cavalo’, em (10c), serem da classe 5. Assim, Quintão (1917) poderá ter concluído que, nesta classe, a concordância é aliterativa, ou seja, que o prefixo da classe é literalmente copiado aos alvos.

Contrariamente à proposta acima, Nogueira (1960), no seu *Dicionário Ronga-Português*, apresenta dois prefixos, nomeadamente *li-* e *dji-*. Na sua proposta, o autor sugere que o primeiro (*li-*), o original, estava já em processo de desaparecimento, o



que, a seu ver, fazia com que os nomes passassem a exibir o segundo prefixo (*dji-*). Para este autor, não havia dúvidas de que, antes desta evolução, “O prefixo [era] certamente *li-* em toda a parte, tanto no Maputo, como em Lourenço Marques e no Nondwane” (NOGUEIRA, 1960, p. 196).

Rejeitando a hipótese evolucionista de Nogueira (1960), Doke (1967) propõe que, na língua ronga, o prefixo da classe 5 é *li-*. Esta posição é ainda defendida por Ngunga & Mathangwane (2015), não inclusos no quadro acima apresentado. Esta proposta contraria as propostas de Quintão (1917), Nogueira (1960) e Doke (1967), Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa (2008) e Ngunga (2014), que consideram que o prefixo da classe 5 é *dri-/ dji-*, o que discutiremos com mais detalhe na seção que se segue.

Em termos de realização, Quintão (1917) considera que a língua ronga não difere do tonga, conforme os exemplos discutidos em (9), na medida em que, nas palavras monossilábicas<sup>7</sup>, por sinal, muito poucas na língua ronga, o prefixo *dji-* ou os seus alomorfes (*rji-* e *ri-*) não são apagados, quando estes nomes passam para o plural, como mostram os exemplos que se seguem:

- |         |              |               |         |                |                 |          |
|---------|--------------|---------------|---------|----------------|-----------------|----------|
| (11) a. | <i>rjito</i> | ‘palavra’     | vs.     | <i>marjito</i> | ‘palavras’      |          |
|         | b.           | <i>rjibye</i> | ‘pedra’ | vs.            | <i>marjibye</i> | ‘pedras’ |
- (QUINTÃO, 1917, p. 46)

Conforme mostram os exemplos acima, tanto em (11a), quanto em (11b), o suposto prefixo *rji-*, alomorfe de *dji-*, mantém-se quando os nomes *rjito* ‘palavra’ e *rjibye* ‘pedra’ passam para o plural, através da agregação do prefixo *ma-*, da classe 6. Entretanto, contrariamente a estes contextos, Quintão (1917) considera que, nas

---

<sup>7</sup> Note-se que, na classificação de palavras em função do número de sílabas, Quintão (1917) não inclui o PN, neste caso, *rji-* de *rjito* ‘palavra’. Por isso, para este autor, esta palavra é monossilábica, visto que possui apenas uma sílaba, neste caso *-to*.

palavras “polissilábicas nota-se a ausência completa do prefixo do singular” (p. 46), conforme mostram os seguintes exemplos:

(12) a.	<i>bito</i>	‘nome’	<i>mabito</i>	‘nomes’
	<i>boko</i>	‘mão’	<i>maboko</i>	‘mãos’
	<i>buku</i>	‘livro’	<i>mabuku</i>	‘livros’
	<i>khala</i>	‘carvão’	<i>makhala</i>	‘variedades de carvão’

(QUINTÃO, 1917, p. 46)

Analisando os dados acima apresentados, constatamos dois aspectos importantes, a saber: Primeiro, os nomes *bito* ‘nome’, *boko* ‘mão’ *buku* ‘livro’ e *khala* ‘carvão’, não apresentam o suposto prefixo *dji-* (*rji-* ou *ri-*), da classe 5, ou seja, o seu prefixo é Ø; Segundo, a passagem destes nomes para o plural não difere do caso analisado em (11), visto que, também se realiza através de *ma-* (classe 6), conforme os nomes *mabito* ‘nomes’, *maboko* ‘mãos’, *mabuku* ‘livros’ e *makhala* ‘carvões’. Entretanto, diferentemente dos contextos em que o nome é monossilábico, o suposto prefixo *dji-* (*rji-* ou *ri-*) não se realiza, visto que, segundo a fonte, os seus radicais nominais são polissilábicos. Esta análise legitima a agramaticalidade das formas *\*marjibito*, *\*marjiboko*, *\*marjibuku* e *\*marjikhala*, conforme também o juízo de gramaticalidade dos nossos informantes.

Considerando que existem duas propostas de PNs para a classe 5, as questões que se colocam são: *i.* Que fatores linguísticos propiciam as três propostas de prefixos para a mesma CN e, *ii.* Qual é o real formato do PN da classe 5? Sobre estas questões, sugerimos que a existência de duas propostas de prefixos para a mesma classe pode estar associada a três fatores, designadamente, *i.* a não realização fonética do prefixo em vários nomes da classe 5; *ii.* a falta de um trabalho exaustivo que pudesse aferir se, de fato, todos os nomes desta classe não apresentam PN; e *iii.* a adoção da estratégia de concordância nominal e de CV na identificação do PN da classe 5. Assim, na seção

que se segue, por um lado, mostraremos como cada um destes três fatores pode estar a intervir na identificação do PN da classe 5, e, por outro lado, propomos, com base em evidências empíricas, o real formato do PN da classe 5.

### 3 Reanalizando o prefixo da classe 5

Conforme referido na seção anterior, um dos fatores que pode explicar a existência de propostas diferentes de prefixos da classe 5 é o fato de a maior parte dos nomes desta classe apresentar o prefixo Ø, na estrutura morfológica, conforme ilustram os exemplos que se seguem:

	Classe 5	Glossa	Classe 6	Glossa
(13) a.	<i>øtháyi</i>	'gravata'	<i>matháyi</i>	'gravatas'
b.	<i>økhondlo</i>	'rato'	<i>makhondlo</i>	'ratos'
c.	<i>øpíndrá</i>	'corda'	<i>mapíndrá</i>	'cordas'
d.	<i>ødzedzedze</i>	'malária'	<i>madzedzedze</i>	'malárias'
e.	<i>øhele</i>	'barata'	<i>mahele</i>	'baratas'

Nos exemplos (13), observa-se que todos os nomes apresentados estão desprovidos do PN da classe 5. Ou seja, o prefixo é Ø. Note-se que qualquer tentativa de afixar qualquer das propostas de prefixos referidos oportunamente resulta em formas agramaticais em ronga (por exemplo, *\*djithayi*, *\*djikhondlo*, *\*djipindra*, *\*djidzedzedze* e *\*djihele*; *\*lithayi*, *\*likhondlo*, *\*lipindra*, *\*lidzedzedz* e *\*lihele*; e *\*drithayi*, *\*drikhondlo*, *\*dripindra*, *\*dridzedzedze* e *\*drihele*). Estas formas foram também rejeitadas pelos informantes, sem qualquer hesitação. A agramaticalidade destas formas justifica-se pelo fato de, nas suas estruturas morfológicas, apresentarem algum dos supostos prefixos *dji-/dri-* ou *li-*. Porém, apesar da ausência deste morfema, não restam dúvidas de que estes nomes são, realmente, da classe 5. Uma das evidências é que a

sua passagem para o plural se realiza através da agregação do PN *ma-*, da classe 6, destacado a negrito nos exemplos em (13).

Na língua ronga, o PN  $\emptyset$  na classe 5 não ocorre exclusivamente nos nomes indígenas, mas também nos empréstimos, como ilustram os seguintes exemplos:

Classe 5	Glossa	Classe 6	Glossa	Língua fonte
(14) a. <i>øpilha</i>	'pilha'	<i>mapilha</i>	'pilhas'	P
b. <i>øbóta</i>	'bota'	<i>mabóta</i>	'botas'	P
c. <i>øboti</i>	'embarcação'	<i>maboti</i>	'embarcações'	P
d. <i>øxamúsa</i>	'chamussa'	<i>maxamúsa</i>	'chamussas'	P
e. <i>øxarópe</i>	'xarope'	<i>maxarópe</i>	'xaropes'	P

Tal como nos nomes indígenas em (13), nos dados em (14), constatamos que os empréstimos integrados na classe 5 também estão desprovidos de PN. Entretanto, como a passagem para o plural se realiza através do prefixo *ma-*, não restam dúvidas de que estes nomes são da classe 5. Note-se que a passagem para o plural não é a única estratégia usada para a identificação da CN de nomes que morfologicamente estão desprovidos de PNs ou que apresentam um PN usado em diferentes classes, como, por exemplo, *mu-*, das classes 1 e 3. Os linguistas usam ainda a concordância nominal e a CV, como se mostra a seguir.

Para além da ausência do PN da classe, outro fator que, por vezes, conduz a uma identificação errada do PN da classe 5 é a concordância, seja ela nominal ou verbal. Para a ilustração deste fato, começa-se pela concordância nominal, nos contextos em que o nome da classe 5 é modificado por determinantes, quantificadores e qualificadores. Para o início desta discussão, considere-se os seguintes exemplos:

- (15) a. *kapulana le-dri*  
 5.capulana este-5.MC  
 'esta capulana'

b. *hahla*            *le-dri*  
 5.gêmeo            este-5.MC  
 ‘este gêmeo’

c. *saka*             *le-dri*  
 5.saco             este-5.MC  
 ‘este saco’

Nos exemplos em (15), constatamos que a partícula demonstrativa *le-*, que funciona como determinante, é acompanhada pelo morfema *-dri*, destacado a negrito, que constitui marca de concordância selecionada exclusivamente pelo fato de, tanto *kapulana* ‘capulana’, em (15a), quanto *hahla* ‘gêmeo’, em (15b) e *saka* ‘saco’, em (15c), serem nomes da classe 5. De fato, se estes fossem de uma outra classe, como, por exemplo, classe 6, a marca de concordância seria *ma-*.

A seleção da marca *dri-* não se verifica apenas nos contextos em que o modificador do nome da classe 5 é um pronome demonstrativo, mas também quando o modificador é um numeral (cf. exemplos (16)), que pertence à classe de quantificadores, ou um qualificador (cf. exemplos (17)):

- |                                                                                   |                                                                              |
|-----------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| (16) a. <i>lovha</i> <i>dri-n’we</i><br>5.preguiçoso 5.MC-um<br>‘um preguiçoso’   | b. <i>livrhu</i> <i>dri-n’we</i><br>5.livro            5.MC-um<br>‘um livro’ |
| c. <i>lidrin’wana</i> <i>dri-n’we</i><br>5.dialeto        5.MC-um<br>‘um dialeto’ |                                                                              |

Como mostram os exemplos (16), em todos os contextos, a marca de concordância nominal continua sendo *dri-*, que, contrariamente aos exemplos em (15), ocorre antes do radical nominal *-n’we* ‘um’. Mais uma vez, a seleção desta marca tem a ver com o

fato de, tanto *lovha* ‘preguiçoso’, quanto *livrhu* ‘livro’ e *lidrin’wana* ‘dialeto’, serem da classe 5.

Os exemplos em (17) ilustram o uso da marca *dri-* quando o modificador do nome da classe 5 é um qualificador:

- (17) a. *bulúku*            *dr-a*                    *nkuxe*  
           5.calças            5.MC-Part. Gen        azul-esverdeada  
           ‘calças azuis-esverdeadas’
- b. *paratu*            *dr-a*                    *nsimbi*  
           5.prato            5.MC-Part. Gen        9.ferro  
           ‘prato metálico’
- c. *xaka*              *dri-nene*  
           5.parente        5.MC-verdadeiro  
           ‘verdadeiro parente’

À semelhança dos exemplos discutidos em (15) e (16), em (17) verificamos que a marca de concordância com os nomes da classe 5 continua a ser *dri-*. Na verdade, em (16a-b), a modificação dos nomes da classe 5 é feita através de uma estrutura genitiva<sup>8</sup>, formada por uma partícula genitiva e um adjetivo<sup>9</sup> *nkuxe* ‘azul-esverdeado’, em (16a) e um nome *nsimbi* ‘ferro’, em (16b). A concordância entre estes modificadores e os respectivos núcleos é marcada na partícula genitiva, através do prefixo *dr(i)-*, que perde a vogal /i/ dada a coocorrência com o genitivo *-a*. Em (16c), o nome *xaka* ‘parente’ é modificado pelo adjetivo *dri-nene* ‘verdadeiro’, que exibe a marca de concordância *dri-*

<sup>8</sup> Esta estrutura é também designada sintagma genitivo.

<sup>9</sup> Em Bantu, o uso do termo adjetivo não é pacífico. Contudo, tem-se reconhecido a existência de um número limitado de palavras com comportamento comparado a de adjetivos noutras línguas, como é o caso de palavras que designam cores, tamanhos e qualidades. Nesta língua, a qualificação é feita, essencialmente, através de construções genitivas e relativas.

Nestes casos, a marca de concordância *dri-* ocorre na posição inicial das palavras a que se agrega, tal como acontece quando o modificador é um numeral.

Em termos de tipos de concordância em função da natureza das unidades lexicais envolvidas na construção, a marca de concordância identificada nos casos anteriores também é selecionada nos contextos de CV, conforme mostram os exemplos que a seguir apresentamos:

- (18) a. *Økhondlo dri-d-ile ma-rhumana.*  
 5.rato 5.MCS-comer-Pass 6-amendoim  
 'O rato comeu amendoim.'
- b. *Øvusvá dri-tal-ile mu-nyu*  
 5.xima 5.MCS-estar.cheio-Pass 3-sal  
 'A xima tem muito sal.'
- c. *Øhele dri-d-iw-ile hi xi-pixi.*  
 5.barata 5.MCS-comer-Pas-Pass por 7-gato  
 'A barata foi comida pelo gato.'
- d. *Øxampanya dr-a-lombel-a*  
 5.champanhe 5.MCS-Pres-ser.doce-VF  
 'O champanhe é doce.'
- e. *Øboti dri-ta-mbombomel-a ni sva-kuda.*  
 5.embarcação 5.MCS-Fut-afundar.se-VF com 8-comida  
 'A embarcação vai-se afundar com a alimentação.'

Nos exemplos acima apresentados, constatamos que, tanto nos contextos em que os núcleos dos sujeitos gramaticais simples são nomes indígenas (cf. *khondlo* 'rato', *vusvá* 'xima' e *hele* 'barata', exemplos (18a-c), como nos casos de empréstimos (cf. *xampanya* 'champanhe' e *boti* 'embarcação', exemplos (18d-e), a marca de CV selecionada é sempre *dri-*. Na ausência de prefixo expresso nos nomes considerados, esta pode ter sido a estratégia adotada por Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa

(2008) e Ngunga (2014) para concluírem que o morfema *dri-* é o PN da classe em estudo. Estes autores podem ter assumido que todos os nomes da classe 5 da língua ronga não exibem prefixo nominal. Entretanto, uma análise do léxico desta língua, mostra haver nomes da classe 5 com prefixo nominal *li-* expresso na sua estrutura morfológica. É este prefixo que nós sugerimos ser o verdadeiro PN desta classe. Para legitimarmos a nossa tese, analisemos os seguintes exemplos:

Classe 5	Glossa	Classe 6	Glossa
(19) a. <i>lisema</i>	‘cheiro, fedor’	<i>masema</i>	‘cheiros, fedores’
b. <i>litlhongó</i>	‘talo, caule seco’	<i>matlhongó</i>	‘talos, caules secos’
c. <i>lihuhé</i>	‘traquinice, loucura’	<i>mahuhé</i>	‘traquinices, loucuras, patéticas’
d. <i>lihlévo</i>	‘calúnia’	<i>mahlévo</i>	‘calúnias’
e. <i>lihleko</i>	‘riso, risada’	<i>mahleko</i>	‘risos, risadas’
f. <i>lihlahla</i>	‘lenha miúda e seca’	<i>mahlahla</i>	‘lenhas miúdas e secas’

Contrariamente aos dados apresentados em (13) e (14), em que tanto os nomes indígenas da classe 5, quanto os empréstimos da mesma classe estão desprovidos de PN, em (19) verificamos que, afinal, existem nomes desta classe que, na sua estrutura morfológica, apresentam PN, neste caso o *li-*. Como se pode constatar, este prefixo é claramente substituído pelo PN *ma-*, da classe 6, quando estes nomes passam para o plural. Reparemos que, para além destes nomes, existem outros ainda, como: *lihlehlwá/mahlehlwá* ‘espécie de abrolho, certa planta rastejante de seiva viscosa com que se lava o cabelo ou o próprio fruto desta planta silvestre’; *lindrín’wana/mandrín’wana* ‘dialeto(s)’; *lipfalu/mapfalu* ‘diafragma(s)’; *lifisa/mafisa* ‘avareza(s)’; *lihikampfuka/mahikampfuka* ‘latitude’ e *lihikakarhi/mahikakarhi* ‘meridiano(s)’. Os nossos informantes também asseguraram que estes nomes são, efetivamente do ronga, e não empréstimos, ainda que alguns deles também ocorram em línguas do mesmo grupo Tswa-Ronga. Aliás, é preciso acrescentar que o PN *li-*



também ocorre em alguns empréstimos do português usados no ronga, como, por exemplo, *likatífa/makatífa* ‘alcatifas(s)’, *lifabétu/mafabétu* ‘alfabeto(s)’ e *ligidáwu/magidáwu* ‘algodão/algodões’. Este fato pode ser tomado como um indicador de alguma produtividade e vitalidade deste morfema.

Nos exemplos a seguir, substituímos o prefixo *li-* pelo prefixo *dji-/dri-* proposto na literatura, na perspectiva de se aferir se as formas continuam gramaticais:

	<b>Prefixo <i>dji-</i></b>	<b>Prefixo <i>dri-</i></b>	<b>Prefixo <i>ma-</i></b>	<b>Glossa</b>
(20) a.	* <i>djisema</i>	* <i>drisema</i>	<i>masema</i>	‘cheiros, fedores’
b.	* <i>djitlhongó</i>	* <i>dritlhongo</i>	<i>matlhongó</i>	‘talos’
c.	* <i>djihuhé</i>	* <i>drihuhé</i>	<i>mahuhé</i>	‘traquinices, loucuras, patéticas’
d.	* <i>djihlévo</i>	* <i>drihlévo</i>	<i>mahlévo</i>	‘calúnias’
e.	* <i>djihleko</i>	* <i>drihleko</i>	<i>mahleko</i>	‘risos’
f.	* <i>djihlehlwá</i>	* <i>drihlehlwá</i>	<i>mahlehlwá</i>	‘certas plantas’
g.	* <i>djihlahla</i>	* <i>drihlahla</i>	<i>mahlahla</i>	‘lenhas miúdas e secas’

Nos exemplos acima apresentados, constatamos que, tanto *dji-* quanto *dri-* não podem substituir o prefixo *li-*, uma vez que tal operação resulta em formas agramaticais, conforme também confirmado pelos nossos informantes. Esta constatação legitima a conclusão de que a classe 5 possui apenas um único prefixo, neste caso o *li-*, ainda que em muitos nomes este não se realize.

O que os dados acima apresentados sugerem é que, contrariamente à Quintão (1917), Bachetti (2006), Siteo, Mahumane & Langa (2008) e Ngunga (2014), o prefixo da classe em estudo não é *dji-* nem *dri-*, mas sim *li-*. Deste modo, concordamos com Doke (1967) e Ngunga & Mathangwane (2015) que, como vimos, já tinham defendido que *li-* é que é o prefixo da classe 5, ainda que não tivessem apresentado o tipo de evidências empíricas que trazemos neste artigo, incluindo exemplos de nomes com este prefixo realizado morfologicamente. Para além deste aspeto, também alinhamos com

Nogueira (1960), quando aventa a possibilidade de este prefixo estar em processo de desaparecimento, fato que se consubstancia com a sua não ocorrência na maior parte de nomes da classe em estudo. Todavia, deixamos de concordar com ele quando refere que o mesmo é substituído por *dji-*.

Tendo constatado que o PN da classe 5 é *li-*, a questão que ainda se poderá colocar é: que marca de CV é selecionada quando os nomes apresentados em (19), isto é, portadores deste prefixo, constituírem núcleos de sujeitos gramaticais? Para respondermos a esta questão, analisemos os seguintes exemplos:

- (21) a. *Li-gidáwu dri-psh-ile ximixw-eni* .  
 5-algodão 5.MCS-queimar-Pass manhã-Loc.  
 'O algodão ardeu de manhã.'
- b. *Li-huhé a-dri-julek-i<sup>10</sup> munt-ini w-a Xikwembu.*  
 5-traquinice Neg-5.MCS-ser.preciso-Neg3.casa-Loc 3MC.-Part.Gen 7.Deus  
 'A traquinice/patetice não é bem-vinda na casa de Deus.'
- c. *Li-ndrín'wana dr-anga dri-nga-ta-f-a.*  
 5-dialeto 5.MC-meu 5.MCS-Neg-Fut-morrer-VF  
 'O meu dialeto não desaparecerá.'
- d. *Li-hlevo dri-sus-a li-sima mhunu.*  
 5-calúnia 5.MCS-tirar-VF 11-prestígio 1.pessoa  
 'A calúnia tira valor ao ser humano.'

Examinando as estruturas morfossintáticas apresentadas em (21), constatamos não haver diferença em relação às estruturas discutidas em (17), visto que a marca de CV que é selecionada continua a ser *dri-*. Por isso, inferimos que a realização ou a

---

<sup>10</sup> No Presente, a marca de negação é o morfema descontínuo *a...-i*, sendo que *a-* é um prefixo e *-i* é um sufixo.

ausência do PN na estrutura morfológica dos nomes da classe 5 não altera o seu padrão de concordância.

Resumidamente, os dados analisados mostram que, tanto o prefixo *dji-*, quanto o *dri-* não constituem PN da classe 5, mas marcas de concordância nominal e verbal. Especificamente, são marcas de concordância nominal nos contextos em que os nomes desta classe são modificados por determinantes, quantificadores e qualificadores e são marcas de concordância verbal quando o núcleo do sujeito simples for um nome desta classe. Esta constatação é importante, visto que mostra que, na língua ronga, a concordância não é totalmente aliterativa. De fato, ainda que Ngunga & Simbine (2012, p. 98) reconheçam que a verificação do padrão de concordância seja a mais eficaz das técnicas usadas para identificar a CN de um determinado nome, advertem que a mesma apresenta alguns problemas.

Efetivamente, os dados analisados mostraram que casos há em que a marca de concordância não coincide com o PN da classe. Ou seja, a concordância não é, necessariamente, aliterativa. É preciso referir que este fenômeno não ocorre somente com os nomes da classe 5. A título de exemplo, temos os nomes da classe 1, cujo PN é *mu-*, entretanto, quando ocorrem como núcleos de sujeitos simples, a marca selecionada é *a-* (cf. *Mu-dondrisi a-nyoxile*. 'O professor está contente.'; *Mu-yeni a-lahlekile*. 'O hóspede perdeu-se.').

#### 4 Considerações finais

No presente artigo discutimos o PN da classe 5 da língua ronga, uma LB falada no Sul de Moçambique, concretamente na Província e Cidade de Maputo. Ao trazermos esta temática, pretendíamos, especificamente, identificar, com base em evidências empíricas, o real formato do PN desta classe.

Conforme vimos, na literatura não há consenso sobre o formato do PN da classe 5. Por exemplo, enquanto para Quintão (1917), Nogueira (1960), Bachetti (2006), Ngunga (2014) e Siteo, Mahumane & Langa (2008) o prefixo dos nomes da classe 5 é *dji-/dri-*, para Doke (1967) e Ngunga & Mathangwane (2015) é *li-*. Os dados analisados levam-nos a concluir que o prefixo da classe 5 na língua ronga é *li-*, o que é consistente com a proposta de Doke (1967) e Ngunga & Mathangwane (2015). Uma das contribuições importantes do nosso estudo é fornecer novas evidências empíricas para sustentar esta tese, incluindo exemplos de nomes com o prefixo *li-* realizado morfologicamente.

### Referências bibliográficas

- ATINDOGBE, G. 2013. A grammatical sketch of Mòkpè (Bakweri), Bantu A20. **African Study Monographs**. Supplementary issue, v. 45, p. 1– 63, 2013. DOI
- BACHETTI, C. **Gramática da Língua Rhonga**. Maputo: Paulinas, 2006.
- CHAMBO, G.; CHIMBUTANE, F.; GARCÍA-MIGUEL, J. M.; RAMALLO, F.; BARCIA, S. R. **Xivaningelo xa Xirhonga**. 1ª edição. Vigo: Universidade de Vigo, 2020.
- BYAMUGISHA, J.; KEET, M.; DERENZI, B. Pluralizing nouns across agglutinating Bantu languages. **Proceedings of the 27th International Conference on Computational Linguistics**, 2018. p. 2633–2643.
- CHIMBUTANE, F. **Panorama Linguístico de Moçambique: Análise dos Dados do III Recenseamento Geral da População e Habitação de 2007**. Maputo: Instituto Nacional de Estatística, 2012.
- DOKE, C. M. **Bantu, Modern Grammatical, Phonetic and Lexicographic Studies**. London: Routledge, 1967.
- GUTHRIE, M. **Comparative Bantu**. Vols. I-IV. Claredon: Oxford University Press, 1967–1971.

LAFON, M. Shona class 5 revisited: A case against *ri-* as a class 5 nominal prefix. **Zambezia**, Journal of the University of Zimbabwe, v. 21, n. 1, p. 51-80, 1994.

MATA, R. Noun class agreement and the elements of the noun phrase in Gitonga-Inhambane. **San Diego Linguistic Papers**, v. 5, p. 71-120, 2015.

NGUNGA, A. Class 5 allomorphy in Ciyao. **Studies in African Linguistics**, v. 26, n. 2, p. 165-192, 1997. DOI <https://doi.org/10.32473/sal.v26i2.107392>

NGUNGA, A. **Introdução à Linguística Bantu**. 2ª edição. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.

NGUNGA, A.; FAQUIR, O. **Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas: Relatório do III Seminário**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2011.

NGUNGA, A.; MATHANGWANE, J. Revisiting the study of class 5 in Bantu. **Journal of the Linguistics Association of Southern African Development Community [SADC] Universities**, v. 4, n. 2, p. 35-40, 2015.

NGUNGA, A.; SIMBINE, M. **Gramática Descritiva da Língua Changana**. Maputo: Centro de Estudos Africanos, 2012.

NOGUEIRA, R. S. **Dicionário Ronga-Português**. Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1960.

QUINTÃO, J. **Gramática de Xironga (Landim)**. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial, 1917.

SITOE, B. **Verbs of Motion in Changana**. Leiden: Research School CNWS, 2001.

SITOE, B. **Dicionário Changana-Português**. Maputo: Texto Editores, 2001.

SITOE, B.; MAHUMANE, N.; LANGA, P. **Dicionário Ronga-Português**. Maputo: Texto Editores, 2008.

SITOE, B.; NGUNGA, A. (org.). **Relatório do II Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: NELIMO. Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

VAN DE VELDE, M. Nominal morphology and syntax. **The Bantu Languages**. 2<sup>nd</sup> Edition. London: Routledge, 2019. p. 237-269. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315755946-8>

ZORC, R. D.; NIBAGWIRE, L. **Kinyarwanda and Kirundi Comparative Grammar**. Hyattsville: Dunwoody Press, 2007.

Artigo recebido em: 30.06.2021

Artigo aprovado em: 28.02.2022